

**INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS:
CONTRIBUTOS DE FREUD E LACAN**

LISOT, Alexia, PERETTI, Maria Fernanda e AGUIAR, Giancarlo. Pós-Doutorado em Psicologia Socioambiental pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP.USP).

Resumo

A interpretação dos sonhos constitui um elemento fundamental na prática psicanalítica desde Freud, permanecendo central na compreensão da experiência subjetiva e das formações do inconsciente. Conforme Laplanche e Pontalis (2001, p. 99), “a expressão ‘conteúdo manifesto’ é introduzida por Freud em *A Interpretação de Sonhos* (*Die Traumdeutung*, 1900) em correlação com ‘conteúdo latente’. [...] Para Freud, o conteúdo manifesto é o produto do trabalho do sonho e o conteúdo latente o do trabalho inverso, o da interpretação.” Essa distinção traz a ideia de que o sonho revela, sob sua aparência, uma verdade inconsciente que precisa ser decifrada.

Contudo, a abordagem atual lacaniana desloca o foco da busca de sentido para a dimensão do significante e da falta que atravessa o sujeito. Com base no artigo de Ravizzini e Baldin (2021), este trabalho discute a articulação entre teoria e técnica na interpretação dos sonhos, evidenciando que, mais do que decifrar conteúdos ocultos, a escuta psicanalítica visa acolher aquilo que escapa ao sentido e aponta para o lugar estrutural da perda na constituição psíquica.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 87), “a condensação foi inicialmente descrita por Freud, em *A Interpretação de Sonhos* (*Die Traumdeutung*, 1900), como um dos mecanismos fundamentais por que se realiza o trabalho do sonho.” Esse processo mostra como o material inconsciente se reorganiza simbolicamente, transformando-se em imagens oníricas fragmentadas e plurissignificativas, ideia retomada por Lacan ao relacionar o sonho à lógica do significante.

Freud compreende o sonho como formação do inconsciente, enquanto Lacan intensifica o caráter enigmático do significante, entendendo o sonho como uma escrita opaca, na qual “o sentido é pura aparência, pois não faz senão apontar para a direção onde fracassa”. Laplanche e Pontalis (2001, p. 129) destacam que “Freud acentua sobretudo os mecanismos primários do ‘trabalho do sonho’ e a forma como impõem a sua lei ao material pré-consciente, inteiramente entregue à sua descoberta do sonho como via real para o inconsciente.”

As autoras Ravizzini e Baldin (2021) enfatizam que a interpretação psicanalítica não visa completar o sentido, mas “acompanhar o sujeito nos pontos em que a linguagem falha”. Trata-se, portanto, de um dispositivo que opera na fronteira entre o dito e o indizível, destacando o lugar da falta constitutiva do sujeito. A técnica de interpretação dos sonhos não busca decifrar símbolos universais ou atribuir significados fechados. O analista deve sustentar uma posição de escuta que permita que o sonho funcione como porta de acesso ao estranhamento e ao enigma. A intervenção analítica se dá por meio do significante, evitando reduzir o fenômeno onírico a um conteúdo pré-definido. Na clínica, isso implica ouvir o sonho como “porta entreaberta” e como ruptura do discurso consciente, acolhendo os lapsos, cortes e efeitos de surpresa que emergem na fala do analisando (Ravizzini; Baldin, 2021). Assim, a interpretação psicanalítica procura produzir efeitos de deslocamento e subjetivação, permitindo que o sujeito se confronte com sua própria falta e com aquilo que permanece irrepresentável.

A articulação entre teoria e técnica proposta por Ravizzini e Baldin (2021) evidencia que a interpretação não é um instrumento de explicação, mas de

produção subjetiva. O analista, ao trabalhar com sonhos, sustenta o campo da linguagem e do significante, operando na dimensão do não-sabido e do não-dito.

Desse modo, a prática clínica traz a concepção lacaniana, de que a interpretação visa tocar o real e não fechar o sentido. A interpretação deve abrir espaço para o desconhecido e para o enigma, permitindo que o analisando encontre novas formas de dizer e significar sua própria experiência psíquica.

A interpretação dos sonhos permanece como dispositivo essencial da clínica psicanalítica, desde que compreendida para além da busca de sentido fixo. A técnica, alinhada à teoria lacaniana, convida o sujeito a confrontar-se com a falta e com a falha da linguagem, promovendo deslocamentos subjetivos e processos de elaboração. Assim, a relação entre teoria e prática revela que a interpretação dos sonhos não oferece respostas prontas, mas sustenta um campo de abertura para o inconsciente e para a singularidade do sujeito

Referências

RAVIZZINI, S.; BALDIN, T. A interpretação dos sonhos e sua relação com o significante: um achado que implica a dimensão da perda. *Tempo Psicanalítico*, v. 53, n. 1, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382021000100003. Acesso em: 30/10/2025.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Sob a direção de Daniel Lagache. Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

E-mails: alexialisott@gmail.com, mariafernandaperetti@yahoo.com.br, giancarlo.aguiar@unoesc.edu.br